

13

LEANDRO GOMES DE BARROS

O DIABO NA NOVA-CEITA

*Continuação de  
Vingança de um filho*



Rua do Alecrim, n 34.

1913/14 \*



LEANDRO GOMES DE BARROS

# O DIABO NA NOVA-CEITA

O diabo ficou pobre  
Viu que morria no pó,  
Chamou o pai d'elle e disse;  
Eu não me desrgraço só  
Ou vou para a nova-ceita,  
Ou entro no catimbó.

O velho pai d'elle disse:  
Rapaz pensas n'isso agora?  
O catimbó nada vale  
A nova-ceita é caipora,  
Nasce com o asar dentro  
E acha a miseria fora.

O nova-ceita já nasce  
Triste, amarello e sem cor,  
A vista sempre espantada  
Com aspeto aterrador,  
Sem alma e sem consciencia,  
Sem prazer e sem amor.

E é preciso brigar  
Com Christo e o Padre Eerno,  
Para o culto conhecel-o  
Como um ministro moderno  
Você como nova-ceita  
E' espulço do inferno

O diabo que é teimozo  
Não quiz attender ao pai  
Foi perguntar a serpente  
Collega vossê não vai?  
Então respondeu a cobra  
Se eu for minha escama cai.

Disse a cobra minha raça  
Tinha pernas ia andando  
Foi entrar na nova-cêita  
As pernas foram largando,  
Hoje tudo que é de cobra  
Muito mal vai se arrastando

O sapo disse eu também  
Era animal assiado  
Tinha o corpo tão bonito!  
O cabello cachiado  
Um uova-ceita illudiu-me  
Olhe como estou pellado!

Disse um urubu' e eu  
Vivia sempre gozando  
Passei por um nova-ceita,  
Que estava num culto orando  
Adoeci de uma perna  
Ainda estou manquejando

Então disse o caranguejo  
Eu, della estou enteirado  
Tive pescoço e cabeça ,  
Não era tão desgraçado  
Entre na igreja della  
Sahi assim degolado'

Então o mosquito disse  
Filizmente eu sou ativo  
Exijo a religião,  
Do povo com quem me sirvo  
Remela de nova-ceita  
Não deixa um mosquito vivo

Disia o bixo de pé  
Dalli nada se aproveita,  
Por desgraça ja morei  
No dedo de um nova-ceita,  
As poucas lendeas que tive  
Se acabaram com maleita.

O nova-ceita surri  
Fazendo cara ãe choro,  
Suas orações são pragas  
Sua fortuna é agouro  
Gallinha de nova-ceita  
O ovo que põe é goro

Disse o diabo ora votes  
Eu pensei que era melhor  
E' escapar da fadiga,  
E se afogar no suor  
Deichar uma moda ruim  
E pegar noutra peior

E alli arremessando  
A biblia que tinha fora  
Disse um nova-ceita mano!  
Te arrependesses agora?  
Quem faz assim não dezeja  
Ter simente de caipora

Então o diabo disse:  
Nova-ceita venha cá,  
Ponha-se ahi de joelho  
Quero confessal-o já,  
Não bula com as pestanas  
Demore-se um pouco lá.

O diabo disse a elle:  
Você é meu entiado,  
Tem todos os sinais ruins  
Feio, magro e descorado,  
Foi entrar na nova-ceita  
Já anda até assustado.

Então disse o nova-ceita  
Meu padraсто dê licença,  
A nova-ceita é ruim,  
Não tanto quanto se pença  
E' porque até os bixos  
Votam-lhe uma raiva immença.

Acobra que é nossa irmã  
Está se vendo o que ella diz  
O sapo era nova-ceita,  
Se arrependeu e não quiz  
O cururú perguntou-lhe,  
Mestre eu fiz bem ou não fiz

Disse o diabo: papai,  
Zangou-se de uma maneira.  
E disse que a nova-ceita  
E' peor do que frieira  
Um del'les lá no inferno  
Desgraçou uma caldeira

A' carangujeira disse;  
Eu attendi a meus pais  
Que disiam nova-ceita  
E' obra do satanaz  
Um dia arreneguei delles  
Fiquei com pernas de mais

Então disse tapuru'  
Vocês procuram intriga  
Eu gosto da nova-ceita,  
Por que quando tem bechiga  
Fica largando os pedaços  
Alli eu encho a barriga

Disse a mosca eu fallo franco  
Uma vez me aconteceu  
Um nova-ceita. gemia.  
De um grande talho que deu  
Eu me centei na ferida  
A varigeira morreu,

Alli disse: o persovejo  
Diabo leve a tal gente  
O sangue da nova-ceita,  
Tem o gosto deferente.  
E' peor do que mercurio  
Creolina ou agua quente.

A pulga disse eu tambem,  
Ja estava bem influida  
Porem minha mãe me disse  
Tenha cuidado na vida  
A nova-ceita é caipora  
Vossé la fica perdida

È o nova-ceita alli  
Não pôde se deffender,  
Disse o diabo: badéjo!  
Ouça o que vou lhe dizer  
A igreja de frei bode  
Tem que desaparecer.

Perguntou o cururú  
Dão-me licença a fallar?  
O pai do diabo disse:  
Pois não, pode se espreçar,  
Di-se o sapo a nova-ceita  
Faz até repugnar.

Disse o morcego; apoiado  
Bravos disse o urubu'  
A nova ceita hoje está  
Comendo um cachorro cru  
Assim sim disse o lacráo  
Muito bem d. cururu'

O que você está dizendo.  
E' uma pura verdade,  
Essa raça nova-ceita  
Abusa da divindade,  
Crêr no filho e nega a mãe  
Gomo é essa novidade?

Disse o diabo meu pai  
Foi quem plantou eesa raça  
Disse o velho eu não pencei  
Que sahisse tal desgraça  
Para deichar a caipora  
Por todo logar que passa'

# VINGANÇA DE UM FILHO

Um dia o patrão lhe disse;  
Você precisa estudar,  
Eu lhe dou um professor  
A noite vai lhe encinar,  
Viva como tem vivido  
Que nada ha de lhe faltar

Em casa de Alves de Freitas,  
Esse grande trapixeiro  
Trez ladrões de uns que haviam  
Alli no Rio de Janeiro,  
Atacaram a mulher d'elle  
Ou a vida ou o dinheiro,

Andreza viu a patrôa  
Assim não esmoreceu  
Atirou n'um dos ladrões,  
Esse cahio e morreu.  
Derribou o outro a cacête  
O ultimo dos trez correu

Cento e dez contos de reis  
Os ladrãs tinham tomado,  
O que correu deichou tudo  
No meio da sala espalhado,  
Tanto que Andreza apitou  
O gatuno foi pegado

Alli soltou a patrão  
Que os ladrões tinham amarrado  
Tirou-lhe a mascara do rosto  
Que elles tinham lhe botado  
Mandou dizer ao patrão  
O que tinha se passado

Ora , desse dia em diaante  
Andreza foi recompensada,  
A patrão disse a ella  
Voscê não fará mais nada,  
Eu lhe aumento o ordenado  
Voscê vive descansada.

Alves de Freitas que viu  
De Arnaldo a honestidade,  
Combinou com a mulher  
Dar-lhe uma sociedade  
Em todo lucro da casa  
Arnaldo ter a metade.

Disse a mulher: elle é digno  
Que se ajude elle a viver,  
O que a mãe d'elle nos fez  
Devemos agradecer,  
Pois livrou voscê do roubo  
A mim livrou de morrer.

D'alli em diante Arnaldo  
Não era mais um caxeiro  
Trez annos depois morreu  
A mulher do trapixeiro  
Deichou a terça á Andreza  
Pois ella não tinha herdeiro

Alves de Freitas chamou-a  
Pediu-lhe que não sahisse,  
Ficasse regendo a casa  
Emquanto elle existisse  
Porque elle não queria  
Que outra ama o servisse.

Cinco ou seis annos depois  
Falleceu o trapixeiro  
Fez testamento deichando  
Arnaldo por seu herdeiro  
Ficando Arnaldo um dos mais  
Ricos do Rio de Janeiro

Depois de Arnaldo herdar tudo  
Andreza disse: é chegado  
O tempo de descobrir  
Os nomes dos pais de Arnaldo  
Até meu pobre marido  
Agora será vingado.

Chamou Arnaldo e lhe disse  
E' tempo de lhe contar  
Um segredo que jurei  
A ninguem o revelar  
Acho que seria crime  
Esse segredo occultar.

Abriu uma malla velha  
Pelo tempo carcomida  
Tirou dellá dous retratos  
Disse com a voz sentida  
Meu filho! esses aqui foram  
Autores de tua vida!

Quem photographou teus pais  
Foi dotado de sciencia  
Retratista mais algum  
Tinha sua intelligencia  
Só falta aqui de teus pais,  
A falla e a existencia,

Arnaldo baixando a face  
Não se contêve chorou  
Mas que mysterio ouve aqui?  
Soluçando pergunton  
Andreza, com toda calma  
Tudo á miudo contou

Mostrou a elle o caderno  
Que tinha o apontamento  
Datado o anno e o mez  
Em muito bom seguimento  
Tinha até marcado a hora  
Do dito acontecimento,

Seis contos de reis em ouro  
E cinco aneis de brilhante  
Um colar de ouro massiço,  
Cravado com diamant:  
Polceiras, brincos. argolas,  
Rodomas assim por diante,

As escrituras das terras  
Onde morava o barão  
A nota dos animaes  
Mil arrobas de algodão  
Trez mil sacos com café  
E recibo de uma ação,

É a copia de libelo  
Que o barão tinha perdido  
Quando assassinou Antão  
Ella alli tinha caído  
Que foi a couza mais util  
Que ella tinha adequerido

Mizeravel! disse Arnaldo:  
Eu hei de acabar contigo  
Vou provar á vizinhança  
Que meu pai deichou amigo  
Além da mãe que conheço  
Tão bôa para comigo.

Andreza disse: meu filho!  
Procure um adevogado  
Porque elle em Portugal  
Ja estava sentenciado  
Se o crime não prescreveu  
Elle é requizitado

Nós temos provas robustas  
De tudo que elle roubou  
A fazenda de seu pai  
Que elle della se apossou  
Inda vivem, trez que viram  
Quando elle a teus pais matou.

Farei tudo: minha mãe!  
Disse satisfeito Arnaldo  
A sehora foi um anjo,  
Que Deus botou-me a seu lado  
Sahio logo para rua  
Fallou ao adevogado,

Então o adevogado  
Veio aonde estava Andreza  
Leu todos os documentos  
Disse com toda franqueza  
Nesse crime do barão  
Não á geito de defeza

Essa copia de libelo  
E' preciso copial-a  
O governo Portuguez  
Lá tem que examinal-a  
E procurar a centença  
Da ordem á executal-a

Alli Arnaldo passou  
À elle a procuração,  
Elle foi logo ao Juiz  
E requereu citação,  
E penhorar em flagrante  
Todos os bens do barão,

Trez testemunhas que haviam  
Mandou-as logo intimar  
Para provarem em juizo.  
Que viram o barão matar,  
Antão de Freita Ribeiro.  
E D. Eugenia Alencar.

Então o adevogado  
Foi para Minas Geraes,  
Disse á Arnaldo ;descance  
Eu não sucegarei mais,  
Em quanto não lhe der conta,  
Da vingança de seus pais.

Foi ao governo de Minas  
Mandou citar o barão,  
Intimou as testemunhas  
Que viram matar Antão,  
Porque alli se tratava  
De um crime, e de uma questão.

Vinte e cinco annos justos  
Esse dia completava,  
Amorte dos pais de Arnaldo  
Quando o barão não pençava,  
A justiça em sua porta  
Anciosa o esperava.

Duas filhas do barão  
Tam casar nesse dia,  
Quando o chefe de policia  
Com trez praças que trasia,  
E disse publicamente  
O crime que alli havia.

Disse logo ao secretario  
Fulano leia o mandado,  
Os nomes das testemunhas  
Do depoimento dado  
O secretario leu tudo  
Da forma que foi passado,

O barão que tinha astucias  
De perito adevogado,  
Disse ao chefe de policia  
O dotor, está mal enformado,  
O barão de campo-verde  
Não tem o nome manchado.

Disse o chefe de policia:  
Diga-me agora; barão!  
Porque meios obteve  
Essa fazeda de Antão?  
Tem a escretura della  
Feita por tabelião?

O barão disse: doutor,  
Antão era meu amigo,  
Achou-se um pouco quebrado  
Fez um negocio comigo,  
O chefe então perguntou-lhe  
Que negocio fez comsigo?

Disse o barão: me vendeu,  
A sua propriedade  
Me devia quinze contos,  
Que vinha ser á metade  
Da importancia da compra  
O resto dei-lhe mais tarde.

Eu, elle e a mulhr delle  
Achamos conviniente,  
Para evitar o imposto  
Porque seria evidente  
Passamos uma escretura  
Aqui particularmente.

Bem! o chefe de policia,  
Disse com toda prodencia  
A manhã as onze horas  
Espero vossa excellencia,  
Então comparecerá  
Na salla da audiencia.

Continu'a nos trez quengos finos

## A TARDE

Tomba a tarde o sol baixa seus ardores  
Alvas nuvens no céu formam lavores  
E a voz da passarada o campo enchendo:  
O jurity em seu ramo de dormida,  
Soltando um canto alli por despidida,  
Dando adeus ao sol que vai morrendo.

E mergulha o sol pelo occaso  
Jã o dia alli venceu o praso  
Abrem flores o orvalho em gôtas vem;  
Limpa o céu, o firmamento se illumina,  
Uma luz alvacenta e argentina,  
Já se avista no céu, mais muito além.

Regressam do campo os lavradores  
Apassetam os rebannhos os pastores,  
E o mundo fica alli em calmaria;  
A matrona enballa o filho pequenino  
E prestando attenção a voz do sino.  
Quando dobra no templo, a ave-Maria

Vem a noite, dormem alli as cousas manças  
Dormem quêtos os justos e as creanças,  
E a virgem envia presses a divindade;  
A velhisse recorda arrependida,  
Todo erro que fez em sua vida,  
E mormura. Quem me dera a mocidade

# AGENTES:

Em Rio Branco—Manoel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruaru'—João de Barros

Em Pesqueira—José Liberal

Em Pombal (Parahiba)—Camillo X.  
de Farias .

## AVISO

Faço ver aos leitores uns livros que vendem com o titulo *Discussão* de Leandro Gomes com João Athayde, é falso pois nunca vi esse Athayde.

Leandro Gomes de Barros



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).